

**Evento:** XXI Jornada de Extensão  
**ODS:** 4 - Educação de qualidade

## **SER DEMOCRÁTICO QUANDO O POVO NÃO QUER DEMOCRACIA <sup>1</sup>**

### **BE DEMOCRATIC WHEN THE PEOPLE DON'T WANT DEMOCRACY**

**Enio Waldir da Silva<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Atividade de Extensão oriunda o projeto institucional - PPGDH - DIREITOS HUMANOS COMO CULTURA DEMOCRÁTICA - 2020

<sup>2</sup> Dr. Sociologia. Professor do DCJS/UNIJUI e do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos

## **INTRODUÇÃO**

A democracia é uma forma de vivência e convivência humana e um ideal de organização compartilhada do poder social para quem defende um mundo justo para todos. As reflexões sobre democracia recorrem as ideias de que se trata de uma sociedade ordenada em que o poder está diluído nas racionalidades das instituições onde estão indivíduos com culturas e saberes dialógicos. Essa ordem e essas instituições expressam a vontade de um povo livre e capaz de selecionar seus interesses mais universais e expressar em opiniões geradoras de argumentações básicas que geram as leis. Estas leis, então, é que traduz o poder da democracia, já que foram discutidas nas esferas públicas onde os diálogos éticos lapidaram o bem comum no meio de interesses particulares. Estamos falando de um povo acostumado a liberdade e que querem ampliar esta liberdade e não diminuí-la. O que faz o povo querer diminuir a liberdade que possui? Onde ou como nascem os indivíduos antidemocráticos? O que a escola pode fazer pela democracia?

Estas são as reflexões que resumo aqui, considerando os diversos debates que promovemos sobre a democracia como fundamento dos direitos humanos e da educação. Estes debates foram feitos com a comunidade externa da universidade a partir dos objetivos de um projeto de extensão que pretendia levar a discussão dos direitos humanos para escolas e instituições interessadas. Prevíamos 10 atividades abertas no ano de 2020. O planejamento das ações, a execução e a análise de resultados serviriam para avaliarmos as inserção social da universidade via direitos humanos. A previsão inicial não se confirmou devido as circunstâncias de pandemia que impediu ações de nossos atores, tanto na universidade como na sociedade. No entanto, foi realizado algumas atividades online que permitiram diálogos. Destacaremos aqui algumas reflexões geradas em uma Live aberta, cujo tema foi indicado por professores de escola públicas da região da Unijui: Educação para os Direitos Humanos e a Democracia.

## **METODOLOGIA**

A metodologia da ação extensionista proposta foi a Pesquisa-Ação Participante em seus aspectos de busca de diálogos aberto para produzir entendimentos sobre os problemas que afetam a comunidade (SILVA, 2020). Neste caso a universidade faz o convite para dialogar tema que visualiza como importante para a comunidade, faz a tradução da temática científica para o nível dialógico possível de compreensão no grupo, organiza o uso da palavra e insere potenciais reflexivos dos saberes comunitários para, juntos, construir entendimentos resultantes do diálogo. No momento posterior sistematiza estes entendimentos para potencializar as ciências ou orientar ações de resolução de problemas sociais. A Live se desenvolveu de modo dialógico e aberto a participação de todos.

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 4 - Educação de qualidade

Sintetizaremos as principais ideias debatidas sobre democracia e formação do sujeito democrático.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Da primeira exposição (Professor Lindomar W. Bonetti) se destacou algumas faces não democráticas da escola que ajuda a não ampliar a formação para a democracia. Sabe disso, por exemplo, ao ouvir de crianças e jovens que gostam mais das amizades do que das aulas e que não entendem porque este dever compulsório de ir a escola. Repetência e abandono é o ápice desta rejeição das pessoas, nem tanto da escola, mas para os objetivos implícitos para as quais elas estão sendo ensinada, que é o de moldar indivíduos para seguir a institucionalidade que temos. As pesquisas mostram que as crianças criam mecanismos de defesa para aguentarem esta obrigação, que arrumar um amigo, amizade com a tia da cantina, com algum professor, e não criam vínculo com a escola em si e dá sinal que foi a *escola que primeiro abandonou as crianças e não o contrário*.

Isso é um dos sinais da não democratização da escola, e não rejeição dos alunos como o pessoal da escola, mas da maioria das crianças e jovens com os fundamentos teóricos e epistemológicos da regulação escolar, baseados no modelo moderno onde a classe burguesa da época moldou o jeito de ser da escola e de toda racionalidade social. As pessoas oriundas de situações de vulnerabilidades sociais não percebem vínculo da escola com eles, pois moldam individualidades para que os indivíduos tenham comportamentos e saberes que não se ligam as realidades vividas. Um modelo civilizatório onde a escola não era para todos, mas para o grupo burguês.

O resgate das individualidades e o protagonismo destas só foram feitas perto do final do século passado (depois de 1970), quando chegaram na escola, os pobres, os negros, os homossexuais, etc. É recente, portanto, os avanços na escola, como as políticas inclusivas, a interculturalidade, a socialização, etc. No entanto, isso não mudou as regras da escola, pois os parâmetros da verdade científica são ainda modernos (universais - que vem desde Descartes, Bacon), pois não se respeita os diferentes conhecimentos que vem do índio, dos cabaclos, dos catadores e outros e nem mesmo se dá atenção saberes que vem de experiências de fora da escola. O saber da escola não reconhece as diferenças, as trajetórias de vidas (*a filha empregada domestica não tem por que ter sucesso escolar* – Bonetti). Por exemplo: as crianças dizem que possuem cabeças duras, por isso, abandonam a escola, mas quando elas catam papel sabem diferenciá-los, separar, contar, pesar, vender, calcular... A escola não aproveita estes saberes...O distanciamento destes saberes singulares não tem espaço na escola...não há socialização dos saberes, não há diálogo de saberes entre alunos, de alunos com professores...ainda não se promove a integração das crianças nas aulas, não se abre a escola às famílias. Estamos ainda a esperar que a escola promova os preceitos da subjetividade, a aproximação do saber escolar com mundo pratico de vida, a flexibilização dos horários...Para ser democrática temos que ter uma escola que reconhece a diversidade, a pluralidade, a socialização dos saberes...uma escola que liga o racional ao emocional, enquanto pratica colaborativa da promoção do saber.

Da segunda exposição (Professor Walter Frantz), o destaque se deu sobre a questão dos caminhos para o poder democrático abertos pela educação e pelos direitos humanos. Na escola, assim também como nos aprendizados sobre direitos humanos estão os esforços para que os indivíduos se sintam

**Evento:** XXI Jornada de Extensão

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

fortificados na sociedade. Embora se tenha avançado, falta muito, no interior das práticas escolares, a garantia do respeito a dignidade humana e o saber sobre a distribuição de poder no mundo social. Foram as lutas sociais práticas que criaram os direitos humanos e estes se tornaram caminhos para o poder das pessoas. A educação também empodera e também é uma prática social. Na educação popular, por exemplo, como prática social, nascem dos contextos dos movimentos sociais que lutam por emancipação. Como prática educativa têm um núcleo comum que é a luta contra as injustiças da ordem econômica capitalista. Ela faz a crítica e tenta pensar em sua superação pelas classes populares, organizando-as para fazer valer os direitos humanos e a democracia na ordem social, com poderes compartilhados, com relações sociais humanas e vida digna, onde e supera a exclusão do outro, garantido em lei e valendo como processo educativo.

A educação cria o sentido político das ações, as posições em relação ao poder. A complexidade do educar está aí nesta não neutralidade da vida humana no contexto do social, do meio natural e na busca dos entendimentos compartilhados pelos diálogos. A educação implica em projeto de sociedade que se quer, em intenções que se renovam nos contextos dinâmicos da sociedade. Ali fluem forças divergentes saudáveis, ideologias que precisam ser compreendidas. Ao se querer escolas sem ideologias está se atingindo os direitos humanos e a democracia, pois impede as expressões imaginárias das pessoas. São os jogos de poder na sociedade que procuram cortar os poderes da escola para que ela não enraíze a democracia em seu fundamento de prover e prever as necessidades humanas. A escola é filha e mãe da democracia e pode cortar a estupidez humanas e as violências, suas inimigas.

Na terceira reflexão (Professor Paulo Evaldo Feinsterseifer) foi debatido que a maior contribuição da educação para a democracia é pela produção de conhecimento e pelas capacidades reflexivas que cria nas pessoas. A invenção e reinvenção da democracia é uma necessidade trágica da condição humana na busca a liberdade. Além de se ter a democracia é preciso ter seus zeladores que são os cidadãos vigilantes. A escola republicana assume esta difícil tarefa de compatibilizar bem comum com os interesses ou liberdades individuais. O que é comum aos humanos devem preceder diferenças. Não adianta ter direitos iguais, se não os conheço e se sou objeto de um poder que se vale da ignorância. A educação possibilita que os indivíduos conheçam os limites próprios e ensina a julgar sabendo fazer isso. Mas educar não é doutrinar fazendo se admirar as leis prontas e acabadas e sim criar capacidades de corrigir e dar espírito justo a elas, aperfeiçoando-as (as leis). Ser democrático é ser crítico com critérios advindos dos conhecimentos que se abre para as possibilidades, para as convicções que não prendem. As liberdades democráticas que a educação promove não combinam com missionarismos ou militâncias como se anunciassem boa nova para o povo sem ouvir este. Na escola se aprende a testar capacidades de deliberações em diálogos, se aprende a criar capacidade de argumentar, a promover o saber para se ter confiança em si mesmos e compartilhar com outros as sinceridades e honestidades. A educação não pode produzir o ponto morto na vontade de ser sujeito, no desejo de saber, no desejo de participar. A democracia originada da escola não pode ser onipotente e nem produtora de pós-verdade, de ignorância, de miséria, de desigualdade. Democracia não é bravata, é processo educativo que ensina que vale a pena trilhar o caminho do conhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Evento:** XXI Jornada de Extensão

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

Vimos então que a democracia é protetora do conhecimento, é fruto deste e por este deve ser gestada assim como o próprio conhecimento deve franco, dialógico e aberto. A vitalidade de uma vida social democrática deve proporcionar a autoria daquilo que estamos fazendo, mesmo estando em intensa interação com as especificidades que nos ameaça de não nos retroalimentarmos mais. Dar vitalidade a existência não depende só de nós nesta conspiração que não nos deixa recusar a falência da esperança de vencer aquilo que nos machuca, que nos tira o sentido, que nos banaliza.

Nestes tempos de pandemia não aceitamos deixar de viver. Os nexos entre indivíduos sofreram abalos impressionantes e produzem espectros de mortes e de ameaças para a espécie humana. Parece que as noções de tempo se deslocaram do abstrato para o concreto e todo mundo pensa que perdeu tempo e o quer de volta, quer um tempo a mais junto com os outros, não só aos familiares, mas aos amigos e conhecidos.

A reflexão da democracia se desloca do social para o individual, ou seja, é preciso formar o sujeito democrático defensor da liberdade. O valor de minha vida depende do valor que dou a vida do outro, porque o outro pode tirar minha assim como eu, sem querer (ou não), posso tirar a vida do outro. Os grandes *contra-valores* da história voltaram a ser postos - e não foi o novo vírus que fez isso - pois estamos em um tempo de desastres para aqueles que sempre foram as vítimas. Reiniciamos a nos preocupar com nosso próprio pensamento e sobre os aprendizados de sociabilidade em que se é feliz para fazer os outros felizes, ou que se usa tecnologias para estar juntos das pessoas felizes, para o autoconhecimento que traz o autocuidado, para entender as realidades, independentes de serem boas ou más. Os conhecimentos exigidos parece nos mostrarem que precisamos de capacidade de nos experimentar no sentir, no ver, no ouvir e no falar para despertar a dignidade da vida que está em nós (SILVA, 2018). Sem isto, sem saber da dignidade da minha vida não posso nada fazer pela dignidade do outro, pois não reconheço ambas.

O medo e a esperança são os extremos vivenciados pelos seres humanos, como, desde muito tempo, nos ensina a filosofia. Criamos muitas estratégias de poder para aumentar nossas esperanças de espantar o medo. Mas este poder parece não contribuir muito para que as relações sociais deixem de neutralizar os sentimentos éticos de responsabilidade com a liberdade. Essa noção de liberdade indica a necessidade de poder democrático que enfrenta o medo, nos dá segurança e promove a esperança. Não se trata daquele medo perder os bens para a morte ou para a pobreza. Estar seguro é saber que todos terão boas condições de vida fruto de seu trabalho livre, não executado para simplesmente acumular, mas para viver bem como se quer uma vida digna viva (SILVA, 2017). A escola ocupa então um lugar especial na produção dos imaginários de liberdade, de democracia e de dignidade, pois ali se produz conhecimentos e reflexões sobre estes temas.

## Referências

BONETTI, Lindomar Wessley; FRANTZ, Walter; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo, SILVA, Enio Waldir da (Coordenador). **Educação para os Direitos Humanos e a Democracia**. Promoção Direitos Humanos Mestrado e Doutorado (Ijuí). @8 de Maio de 2020. Unijui. WEBINAR. Disponível em <https://bit.ly/webinarDHUnijui>. Acesso 27 de Julho 2020.

SILVA, Enio Waldir da. MENEGON, Carolina. **Direitos Humanos e as lutas emancipatórias na**

**Evento:** XXI Jornada de Extensão  
**ODS:** 4 - Educação de qualidade

**contemporaneidade** – Economia Solidária e o feminismo. Ijuí/RS: Unijui, 2018.

..... **Sociologia Jurídica**. Ijuí/RS: Unijui, 2017.

.....Direitos Humanos como Cultura democrática. Projeto de extensão universitária 2020.  
[www.unijui.edu.br](http://www.unijui.edu.br)

**Parecer CEUA:** 4338191018

**Parecer CEUA:** 3.104.922/2019